

O QUILOMBO DOS PALMARES NO CONTEXTO DA FORMAÇÃO SÓCIO-ESPACIAL DE ALAGOAS: UMA ALTERNATIVA AO TURISMO DE SOL E MAR.

Sâmea Beatriz Silva da Rocha¹
Raquel Maria Fontes do Amaral Pereira²

Resumo:

O presente trabalho identifica as características básicas da formação sócio-espacial de Alagoas, buscando suas principais expressões culturais. Para tanto, foi necessário realizar uma análise de sua evolução, utilizando o paradigma de formação sócio-espacial proposto por Milton Santos, enquanto referencial teórico capaz de permitir a realização de estudos de caráter globalizante, por considerar as “múltiplas determinações” responsáveis por uma realidade concreta. Aliado a este conceito chave, a pesquisa se apoiou também nas ideias difundidas por Cholley (1964), para o qual a realidade geográfica resulta de um “complexo de combinações” de elementos físicos, biológicos e humanos, responsáveis por sua configuração ao longo do tempo. O artigo pretende demonstrar a potencialidade do estado para o desenvolvimento do turismo cultural, como alternativa ao turista que visita a região. Ressalta que para o desenvolvimento dessa atividade é indispensável que o turismo cultural da região seja potencializado a fim de despertar o interesse dos turistas para a visita de atrativos voltados para o conhecimento da história do lugar.

Palavras - Chave: Formação Sócio-Espacial. Quilombo dos Palmares. Valorização Cultural. Turismo.

Introdução

A atividade turística no estado de Alagoas é voltada quase que unicamente ao segmento de sol e mar, razão pela qual esse trabalho procura realizar um resgate das características geohistóricas, visando a demonstrar as potencialidades do estado para o desenvolvimento mais

¹ Possui Mestrado em Turismo e Hotelaria pela Universidade do Vale do Itajaí, Especialista em Turismo e Hotelaria pela Faculdade de Alagoas, Turismóloga. Atualmente é professora na Faculdade de Comunicação, Turismo e Tecnologia-FACOTTUR (Olinda-PE), da Sociedade de Ensino Universitário do Nordeste-SEUNE (Maceió-AL) e Faculdade Maurício de Nassau.

² Possui Doutorado em Geografia (Geografia Humana) pela Universidade de São Paulo (1997), com estágio sanduiche na Universidade de Barcelona (1993). Atualmente é professora participante do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal de Santa Catarina, bolsista de produtividade em pesquisa - nível 2 do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e professora doutora nível C1 da Universidade do Vale do Itajaí.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

efetivo do turismo cultural, com base na herança deixada pelo fenômeno social conhecido como Quilombo dos Palmares. Daí porque o estudo exige um retrocesso ao denominado período colonial, época em que a produção econômica brasileira e, em especial, a economia açucareira do nordeste dependia do trabalho escravo. A origem do Quilombo dos Palmares está intimamente relacionada à reação dos escravos, numa sociedade dominada pelos grandes latifundiários, senhores de engenho que não podiam prescindir da mão de obra escrava. A análise desse contexto permite compreender a importância histórica e cultural do Quilombo dos Palmares e justifica o interesse pela herança cultural deixada na sociedade alagoana.

O resgate das origens dos Quilombos, suas características e evolução, assim como das heranças culturais deixadas por esses núcleos de resistência negra no território nordestino e, particularmente, no alagoano, é realizado com o olhar voltado para os atrativos que poderiam ser explorados pelo turismo.

Para compreender a gênese dessa formação foi necessário, através de pesquisa bibliográfica, buscar elementos para analisar a evolução histórica do Brasil, em especial do período colonial, a fim de apreender as motivações que deram origem à ocupação do território pelos portugueses e a forma como foi organizado o sistema produtivo. Tal resgate permitiu identificar manifestações culturais, suscitando o seu (re)conhecimento e a percepção de possíveis caminhos para a formatação de produtos turísticos calcados no patrimônio cultural imaterial, ou seja, o modo de viver, de se relacionar e de produzir da sociedade alagoana.

A ESCRAVIDÃO NO BRASIL

Data de 1554 a introdução do negro no Brasil e, de 1557, em Alagoas. Desde então, a história dos africanos no estado e no país é uma história de repressão, mas também de suas lutas e influência na cultura do povo brasileiro até os dias atuais. (CARVALHO, 1982).

X SEMINÁRIO 2013 ANPTUR

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

A mão de obra era o principal problema no processo de colonização no Brasil, pois os trabalhadores eram necessários para o plantio e colheita da cana, bem como para a fabricação e transporte do açúcar. Todavia, nem a Espanha, muito menos Portugal dispunham de pessoas dispostas a emigrar a qualquer preço como ocorreu com a Inglaterra em relação às suas colônias um século mais tarde. (CARVALHO, 1982).

Dentre as justificativas para a utilização da mão de obra escrava, Carvalho salienta que:

“Em Portugal, a população era tão insignificante que a maior parte de seu território se achava ainda, em meados do século XVI inculto e abandonado, faltavam braços por toda parte e empregava-se em escala crescente a mão de obra escrava, primeiro, dos prisioneiros mouros e depois, de negros africanos.” (CARVALHO, 1982, p.103)

E acrescenta, ainda:

“Os índios não satisfaziam a essa necessidade de mão de obra; inicialmente eram pouco numerosos e as guerras e a migração para o interior contribuíram seriamente para diminuí-los. (...) Ainda mais conhecendo bem a região, fugiam facilmente para a mata, onde se alimentavam dos produtos fornecidos pela floresta, conheciam os seus perigos e os meios de evitá-los.” (CARVALHO, 1982, p.103 e 104)

Quem resolve, portanto, esse problema é o negro africano. Holanda (2009), já afirmou que o trabalho do negro representa um fator obrigatório para o desenvolvimento dos latifúndios coloniais, pois os índios não conseguiam acomodar-se aos trabalhos metódicos exigidos nos canaviais. A tendência espontânea dos nativos era para trabalhos menos sedentários e mais versáteis. A sua resistência era, em geral, silenciosa e passiva.

São, então, essas razões que levaram os colonizadores desde o início a “importar” africanos para o Brasil. Mas, essa prática de utilização do trabalho escravo realizado por negros, adquiridos como mercadoria, nas costas do continente africano já era empregada em Portugal antes mesmo

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

de 1500, proporcionando ao reino grandes benefícios e misturas étnicas. Esta por sua vez já incomodava a sociedade na metrópole, que temia tornarem-se eles, os negros, em maior quantidade que os próprios portugueses.

O processo de substituição do índio pelo negro não acontece tão abruptamente, visto que se estende até o fim da era colonial. Em algumas regiões ocorre de forma mais rápida, como em Pernambuco e na Bahia. Em outras, o processo é mais lento, devido ao elevado custo para adquirir tal mercadoria (como era visto o negro). E esse custo se dá não apenas pelo preço pago na África, mas também em decorrência das mortes que ocorriam durante o transporte dos negros para o novo continente.

Em média 50% deles chegavam com vida, porém, muitos desses sem condições para o trabalho. Por esses motivos, o valor do escravo sempre foi muito elevado, e somente as regiões e os senhores mais ricos podiam pagar o preço pedido por esses homens (PRADO JR, 2011, p.37). Daí se conclui que o nordeste brasileiro foi durante muitos anos uma região bastante rica, capaz de permitir altos investimentos, para assegurar a produção e exportação dos produtos desenvolvidos aqui, particularmente o açúcar. A sociedade nascida no nordeste açucareiro transcendeu sua finalidade puramente mercantil e constituiu-se, com seus próprios valores, na “civilização do açúcar”. (FERLINI, 1984. p. 9).

Essa sociedade pode ser representada pela casa-grande, complementada pela senzala, como elementos mais visíveis de todo um sistema econômico, social e político, calcado na monocultura latifundiária; na escravidão, como força de trabalho; no transporte; na religião; na política e outros. (Freyre, 2006 p.36). Ferlini (1984) vê esse mundo dos senhores e dos escravos como uma sociedade açucareira que vivia em função dessa casa grande e da senzala, onde o grande domínio açucareiro moldava as relações internas de dominação, disfarçando em seu ambiente familiar as marcas violentas do escravismo.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

A sociedade daquela época não se indagava o porquê da escravidão, o cativo era para eles uma realidade cujo mérito era desnecessário debater. O fato era que a escravidão existia e era favorável à civilização açucareira e o mais importante era discutir como os senhores de escravos fariam para que sua produção fosse cada vez mais vantajosa e lucrativa. (BOSI, 1992, p.162)

Bosi através dessa constatação corrobora com a percepção que se tem hoje sobre a repressão que essa sociedade impunha aos negros, submetidos a uma vida desumana. Eram tidos como mera mercadoria ou animais irracionais. Como bem ressalta Cícero Pércles (1982, p.105), ao menor gesto de insubordinação aos seus senhores, os negros padeciam os castigos das gargalheiras, dos troncos, dos libambos e dos peitorais de ferro.

As ordens oficiais do Reino, regulamentando a comercialização de escravos estavam contidas no mesmo capítulo que tratava dos animais. As torturas eram terríveis e eram também inúmeros os instrumentos utilizados para tal (CARVALHO, 1982). Na segunda metade do século XIX, ainda conforme Carvalho, os castigos tendem a diminuir, porém não por uma postura mais humanitária da sociedade e sim por uma questão puramente econômica, pois a “mercadoria” representada pelo escravo africano era demasiadamente cara e os castigos em excesso provocavam a morte de muitos deles, o que significava para os senhores a perda do investimento nessas “mercadorias”.

O QUILOMBO DOS PALMARES: SÍMBOLO DA REVOLTA DOS NEGROS NA LUTA PELA LIBERDADE

Diante de toda essa barbárie vivenciada pelo negro, surgem movimentos de resistência ao regime escravocrata, bastante frequentes no período colonial. As manifestações inicialmente se faziam de forma passiva, através de suicídios, depois de modo mais vigoroso, dando origem à formação de Quilombos.

Carvalho (1982) descreve da seguinte forma a revolta dos escravos contra o regime que lhes era imposto:

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Enquanto houve escravidão no nosso país, os escravos se revoltaram e marcavam a sua revolta em protestos armados, cuja interação não encontra paralelo na história de qualquer outro país no Novo Mundo. Nenhuma categoria social lutou de forma mais veemente e consequente contra a escravidão que a dos próprios escravos (p. 137).

Os negros se viam diante de uma vida miserável, repleta de dores físicas, psicológicas e até espirituais. Todas essas violações do que hoje se considera direitos humanos eram aceitas pela sociedade da época, sem nenhum prejuízo moral, além dessas atitudes serem legalmente protegidas pelo governo. A única alternativa para essas pessoas era se rebelar através de fugas que acabaram originando os conhecidos quilombos.

O Quilombo dos Palmares representou o primeiro grande movimento de resistência à escravidão e foi o maior quilombo brasileiro. Seu nome deve-se ao fato de se localizar numa área de floresta de palmáceas e de utilizar essa espécie vegetal para a subsistência e a construção de moradias. Essa concentração na mata mais fechada se dava em razão das terras serem mais férteis, além de dificultar o acesso de possíveis invasores. A área ocupada pelo Quilombo dos Palmares corresponde, nos dias de hoje, aos municípios de Viçosa e União dos Palmares, em Alagoas (CARVALHO, 1982, P.140).

Alguns estudos arqueológicos recentemente realizados na região dos Palmares demonstram que ali, além dos negros, conviviam também índios, mulatos e brancos. Eram todos indivíduos marginalizados, perseguidos e excluídos dos benefícios sociais, que se refugiavam e se juntavam aos habitantes do Quilombo. Sobre essa união heterogênea, Carvalho (1982) destaca que o estado Palmarino surgiu, plausivelmente, como produto de suas necessidades básicas, como por exemplo: aglutinar forças contra seu inimigo externo. Assim, acomodando e agregando grupos étnica e culturalmente heterogêneos.

As imagens a seguir apresentam artefatos arqueológicos encontrados durante estudos realizados na Serra da Barriga e que hoje ficam expostos no Centro Arqueológico Palmarino, em União dos Palmares-AL. Eles comprovam a ideia, apregoada por muitos autores, de uma

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

heterogeneidade social, visto que estão relacionados a culturas distintas, como por exemplo, a indígena e a africana.



Figura 1: Urna funerária indígena.

Fonte: Acervo da Autora, 2012.



Figura 2: Cachimbo feito de barro.

Fonte: Acervo da Autora, 2012.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul



Figura 3: Tigela de barro, utilizada para preparo de alimentos.
Fonte: Acervo da Autora, 2012.

Esses são apenas alguns dos elementos que caracterizam essa mistura étnica no Quilombo, pois cada objeto encontrado individualiza e remete a um tipo de povo e cultura que ali conviviam harmoniosamente. A formação desse importante quilombo deu-se desde a introdução dos negros no Brasil (FONSECA, 1876), embora de forma mais acanhada no início, sem a dimensão territorial e a estrutura que hoje se conhece a respeito do Quilombo dos Palmares. Todavia, durante a ocupação holandesa, o número dos residentes aumenta consideravelmente provocando a expansão de sua área territorial.

A imagem a seguir demonstra a área ocupada pelo quilombo entre 1602 e a década em que tem início a ocupação holandesa, em 1630.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

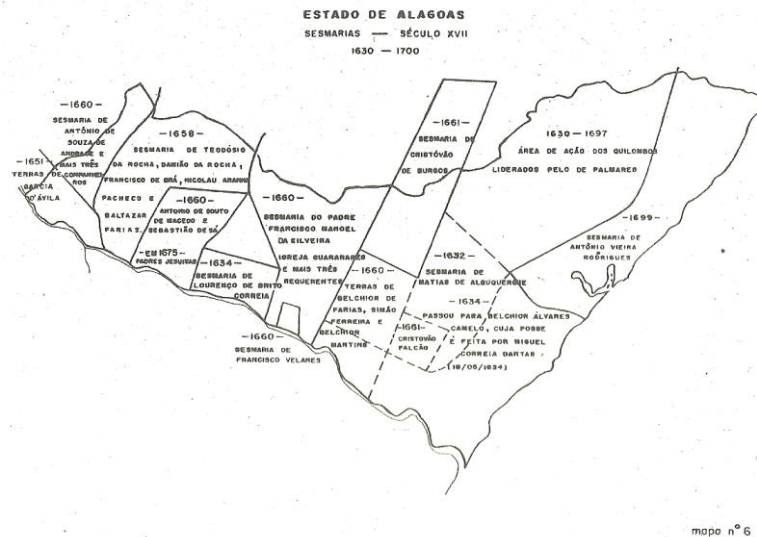


Figura 5: Área de ação dos quilombos liberados pelo de Palmares.
Fonte: LIMA, 1992.

O território alagoano foi sendo rapidamente ocupado pelo Quilombo dos Palmares. As vilas existentes na época (Penedo, Porto Calvo e Alagoas do Sul) sentiam a força da união dos negros dos Palmares, nos ataques feitos aos engenhos e senzalas, para libertar outros escravos, para se proverem de armas, ferramentas de trabalho e para exercerem sua vingança contra o colonizador.

O Quilombo dos Palmares era formado por vários mocambos, os quais se assemelhavam a pequenas cidades, em parte independentes, embora estivessem submetidas as ordens da sede, “a metrópole”, lugar onde localizava-se o rei, Gangasuma.

Carvalho (1982, p. 138) lembra, que o número de escravos embrenhados nessa região palmarina pelo fim do século XVI já era suficientemente grande para causar apreensão em Pernambuco. Além de numerosos, eles dispunham de uma estrutura organizada, com muitas roças e pomares, o que permitia a produção de excedente agrícola que era comercializado com pessoas das vilas próximas. A esse respeito, adverte Carvalho:

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Esse excelente rendimento do trabalho cooperativo e da solidariedade social, do negro livre demonstrava nitidamente que era por ser escravo, não por ser negro, que se produzia pouco e mal nas plantações e nos engenhos. (1982, p. 141).

Tal relação de produção e comércio pode ser observada ainda hoje, em algumas comunidades remanescentes deste quilombo, nas quais as pessoas apesar de estarem espacialmente separadas da cidade, em núcleos rurais, cultivam seus alimentos e comercializam o excedente nas feiras situadas nos núcleos urbanos mais próximos.

Incluída nessa estrutura social, conforme destaca Carvalho (1982), existia também nos Palmares uma estrutura de defesa com tal nível de organização que permitiu a resistência militar da República dos Palmares, por mais de cinquenta anos, às investidas do exército colonialista. Dentre as razões de tão prolongada resistência, a maior era o motivo pelo qual se lutava, a liberdade, aliada à própria estrutura militar adotada pelos moradores do Quilombo.

O QP foi administrado pelo Gangasuma, seu primeiro líder, até ser substituído, em 1678, por Zumbi dos Palmares que comandou o Quilombo até 1694, data em que a expedição comandada por Domingues Jorge Velho³, destruiu a fortaleza. As lutas culminaram com a morte de Zumbi, quase dois anos depois, delatado. Depois do feito, Domingos Jorge Velho recebeu como recompensa o domínio de toda região pertencente à República dos Palmares. Antes desta última expedição, muitas outras ocorreram para acabar com Palmares, mas não obtiveram sucesso. Logo em 1654, assim que a capitania de Pernambuco foi recuperada do domínio holandês pelos portugueses, dezenas de tentativas foram feitas para extinguir o quilombo em questão, tal era a preocupação dos governantes e a dificuldade de acesso à mata. (FONSECA, 1876).

³ Segundo João Fernando de Almeida Prado (1987), Domingos Jorge Velho era um bandeirante paulista, conhecido em todo território brasileiro por ser um grande caçador de índios. Fez acordo contratual com o governador da capitania de Pernambuco, João da Cunha Souto Maior para destruir Palmares. Nesse documento ficam acordados ganhos em dinheiro, terras e escravos, a cada mocambo extinto. Após a destruição da sede do QP, Domingos Jorge Velho recebeu a patente de mestre de campo, pelos serviços prestados à Coroa Portuguesa.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Expedições após expedição iam adentrando cada vez mais na mata, chegando cada vez mais próximos da sede do QP. Entre muitas vitórias e derrotas, de ambos os lados, pequenos e grandes mocambos foram sendo encontrados e destruídos, até que depois de muitas perdas, o rei do QP, Gangasuma⁴, entrou em acordo de paz com o governo português. Entretanto, nem todos os moradores dos Palmares concordaram com esse pacto firmado, sendo que nesse mesmo ano Zumbi assumiu a liderança do Quilombo. Muitas outras batalhas sucederam-se e o quilombo foi perdendo força e território. A figura nº 6 retrata essa perda territorial que a República dos Palmares sofreu com as constantes batalhas.

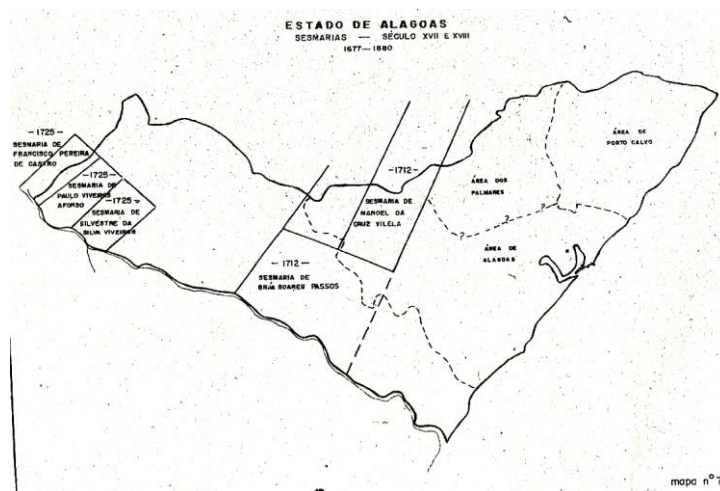


Figura 6: Divisão das Sesmarias entre 1677 e 1880.
Fonte: FERNANDES, 1992.

Existem muitos relatos, documentados através da escrita, sobre propostas a Zumbi, para realizar um pacto de trégua com o governo português. Essas propostas continham sempre inúmeras vantagens para ele e sua família. Todas, porém, foram recusadas pelo líder negro.

Domingos Jorge Velho lutou por anos contra o QP, destruindo mocambo, após mocambo até se dar a grande batalha que pôs termo à República dos Palmares. Muitas tropas foram enviadas por diversas vezes, com novas artilharias e munições. No entanto, é necessário salientar

⁴ Existem controvérsias nos relatos históricos acerca da morte de Gangasuma. Alguns autores defendem a ideia de que ele se suicidou, tomando veneno, por ter sido enganado pelos líderes portugueses e há ainda os que defendem que ele foi envenenado (Cícero Péricles de Carvalho, em Formação Histórica de Alagoas).

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

que a vitória dos perseguidores brancos contra o QP não fez com que os negros aceitassem a submissão escrava que lhes era imposta. Eles continuaram a rebelar-se, a fugir das senzalas e a se reunir em quilombos. Mas, esses atos de bravura e superação são por vezes camuflados e renegados pela história, tendo em vista que ela é contada pelo olhar do colonizador, do opressor, do homem branco. Chauí (2000) chama a atenção para o fato de que os relatos de um feito heróico de um sujeito não-branco, inspirado na luta contra um sistema opressor, político e econômico, simboliza a ruptura com os padrões de uma historiografia etnocêntrica, que nos foi imposta, marcada por relatos sobre a vida e os feitos de ricos senhores brancos.

Dada à importância histórica desse quilombo, ele passou a ser considerado símbolo da resistência negra contra a escravidão. Como sua sede administrativa localizava-se na Serra da Barriga, situada no atual município de União dos Palmares – AL, em 1985, esse sítio histórico foi reconhecido e tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN.



Figura 7: Imagem da Serra da Barriga nos dias atuais.
Fonte: Acervo da Autora, 2012.

A figura 7 mostra a Serra da Barriga vista a partir da casa de um remanescente do quilombo, morador da comunidade do Muquém. Em 2007, em uma área plana do alto dessa

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Serra, foi construído o Parque Memorial Quilombo dos Palmares, pelo Ministério da Cultura, por meio da Fundação Cultural Palmares que recriou o ambiente da República dos Palmares.



Figura 8: Parque Memorial Quilombo dos Palmares.

Fonte: Acervo da Autora, 2012

No parque, foram reconstituídas algumas edificações que fazem alusão à organização sócio-espacial existente na época em que ali viviam os integrantes do QP, bem como à diversidade étnica (índios, brancos, negros) existente naquela época. Até dezembro de 2012, o parque apresentava um ambiente de abandono. Muitos dos equipamentos eletrônicos utilizados para divulgar músicas e narrações acerca do Quilombo estavam quebrados, as placas indicativas deterioradas e com pouca utilidade para o turismo devido à falta de acessibilidade ao local, entendendo-se por acessibilidade, todo o complexo de equipamentos turísticos, de informação e divulgação necessários ao conhecimento e acesso dos visitantes ao local. Em contra partida, atualmente o governo assinala uma mudança de situação, efetuando reformas e melhorias na estrutura do parque.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) e a Fundação Cultural Palmares, publicaram, em vinte e quatro de setembro de 2012, no Diário Oficial da União, o aviso de licitação para a contratação de uma firma para realizar a reforma do parque. Além da recuperação das instalações e edificações que compõem o parque, o edital também menciona a contratação de uma empresa de serviços especializados de engenharia para restaurar o posto de observação existente no local.

Essas melhorias representam um passo importante para o desenvolvimento da atividade turística na região. Entretanto, é necessário entender que o parque por si só, não é capaz de atrair e manter uma demanda turística, sem que exista acessibilidade ao local, como parte integrante de sua infraestrutura básica. Sem tais condições, fatalmente acontecerá um novo desinteresse e provável descaso do patrimônio construído.

Para a construção dessa acessibilidade é indispensável que o turismo da região seja potencializado através de recursos midiáticos, pois a informação e a comunicação é que poderão estimular o imaginário do turista, e despertar o interesse na visita do atrativo. Tomazzoni (2009) faz uma reflexão sobre esse tema e corrobora da seguinte forma:

O turismo é feito pelo poder simbólico, porque a construção de atrativos culturais é feita por meio da linguagem, dos textos, que compõem seu discurso. Normalmente, o turista não “consome” o atrativo cultural ou ambiental, apenas o aprecia, admirando seus atributos, qualidades, peculiaridades e belezas, persuadido e envolvido pelas descrições explicações que lhe são apresentadas. O que se consome é, portanto, o discurso que permeia as expectativas do imaginário, de satisfação de curiosidades e de necessidades de conhecer e de vivenciar ambientes culturais diferenciados. Essa expectativa nasce da combinação do poder simbólico (o poder das palavras) com o poder da estética do atrativo.(p.122).

Outro ponto imprescindível a ser ressaltado com relação ao planejamento e gestão do atrativo, são as estratégias utilizadas para a atração e manutenção da demanda turística. Dentre muitas, a criação de um ambiente dinâmico que proporcione a interação dos turistas e moradores com o lugar, através de apresentações artísticas, comercialização de artesanato e comidas típicas

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

produzidas pela população local. Essas práticas ocorrem no parque apenas no dia em que se comemora a consciência negra⁵, e atrai dezenas de visitantes ao local. A existência de atividades culturais que envolvam a comunidade pode fazer com que essa visita torne-se ainda mais frequente.

Entretanto, não se deve perder de vista que o turismo cultural deve ser desenvolvido sob os moldes da sustentabilidade, já que como salienta Barreto (2000):

O planejador de turismo pode fazer um trabalho científico capaz de dosar a quantidade de turistas que podem estar em um lugar sem saturá-lo, sem que a população sinta-se invadida e preparando técnicas de countermarketing e demarketing para reduzir a visita quando necessário. Ele pode pesquisar e trabalhar em conjunto com profissionais do patrimônio – historiadores, sociólogos, arqueólogos, museólogos, e outros cientistas –, para propiciar encenações fidedignas da história, que agradem aos turistas, mas que não deturpem os fatos do passado (p.76).

Portanto, para que haja esse desenvolvimento da atividade turística no PMQP, de forma sustentável, é imprescindível a utilização de estratégias adequadas de planejamento e de gestão organizacional. Essas estratégias precisam contemplar a multidisciplinaridade do fenômeno turístico. Portanto, é indispensável que os responsáveis pela gestão e fomento do turismo no município de União dos Palmares utilizem de recursos, inclusive humano, capazes de abranger os diversos aspectos da atividade, como os ambientais, sociais, econômicos, entre outros.

A PRESENÇA DE PALMARES NAS REPRESENTAÇÕES CULTURAIS ALAGOANAS.

Ao estudarmos o espaço histórico onde ocorre o fenômeno do QP que identificamos a genealogia da cultura popular alagoana. Com a destruição desse quilombo e a consequente diáspora dos quilombolas, as culturas africanas que ali se entrelaçavam, espalharam-se e deram origem a um tecido social que constituiu, num primeiro momento, uma sociedade alternativa

⁵ Dia 20 de novembro, instituído em 1971, por militantes do movimento negro nacional.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

àquela colonial, e hoje, o alicerce da cultura alagoana (BEZERRA, 2012). Portanto, o referido quilombo, ainda conforme Bezerra (2012, p. 13), foi sem sombra de dúvida “lugar das emergências simbólicas e de vivências exemplares no empírico das fragmentações e apropriações simbólicas” contemporizada pelo povo. Ainda, segundo esse mesmo autor e pesquisador,

O testemunho de Palmares pode ser identificado quando observamos não só as atuais permanências das culturas afro-alagoanas em nossas geografias culturais, mas, sobretudo, através de sua influência diante da atual emergência dos movimentos das culturas populares, que atualmente se proliferam nos bairros periféricos (p. 13).

Deste modo, a compreensão da natureza cultural da sociedade alagoana, é percebida através dessa investigação perpetrada ao passado, que revela as alterações feitas de suas partes componentes agindo concomitantemente ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto social da época do QP. Percebe-se, portanto, que esse processo gerador da cultura atual, tem interferências do ambiente interno⁶ e externo⁷ do QP, dando à cultura quilombola a forma evidenciada hoje em dia.

A compreensão dessa natureza cultural da sociedade alagoana através da formação sócio-espacial do Quilombo dos Palmares demonstra que a cultura alagoana tem potencialidade para ser utilizada como alternativa de provocar mais uma segmentação no turismo no estado de Alagoas, que na atualidade explora quase que unicamente o segmento de sol e mar. Esse segmento de turismo cultural poderá ser calcado na cultura quilombola.

⁶As características geográficas eram determinantes, por exemplo, para a escolha do tipo de plantio, tempo de colheita e criação de animais, além das relações entre as várias etnias que conviviam no QP.

⁷Exemplo: as leis (contra os negros) que eram impostas pelo Império Português, obrigando-os a se localizarem geográfica e politicamente de forma periférica e às margens de uma sociedade pré-estabelecida, bem como as relações comerciais realizadas no entorno do QP.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

Evidenciamos ainda, como aspecto positivo diante dessa possibilidade de utilização da cultura voltada para a atividade turística, a possível revalorização da cultura local pelos próprios alagoanos que poderão conhecer melhor sua história através das diversas manifestações culturais, provenientes do hibridismo cultural ocorrido no estado. Tais representações encontram-se espalhadas independentemente do espaço físico onde se localizava o QP, testemunhando a sobrevivência desta heterogeneidade cultural no estado de Alagoas. Essas manifestações pode tornar-se, se melhor aproveitadas pelos órgãos de fomento da atividade turística, atrativos de interesse turístico.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Considerando a formação sócio-espacial do estado de Alagoas e a herança cultural deixada nessa sociedade pelo QP, pode-se concluir que o estado tem amplas possibilidades para o desenvolvimento da atividade turística calcada na cultura, possibilitando a viabilização de um produto turístico regional alternativo ao segmento de Sol e Mar. Entretanto, convêm ressaltar que o acontecimento do turismo cultural em alagoas depende primeiramente da capacidade de planejamento e formatação de roteiros e programações que transformem o potencial cultural alagoano em produtos turísticos.

Esse planejamento deve englobar ações que envolvam a comunidade, pois, essa inclusão torna-se inevitável para o desenvolvimento dentro do contexto do turismo sustentável. Além disso, é preciso que os gestores determinem as vantagens e desvantagens dessa atividade para se verificar como o turismo pode contribuir para o desenvolvimento local. Esse planejamento deve ainda, visar parcerias entre gestores de turismo, comunidade anfitriã, órgãos públicos e empresas privadas para que se criem planos que atraiam investimentos que garantam o desenvolvimento do turismo cultural no estado.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

REFERÊNCIAS:

BARRETTO, Margarita. Cultura e Turismo: Discussões contemporâneas. São Paulo: Papirus 2007.

_____. Turismo e legado cultural. Campinas: Papirus, 2000.

BOSI, Alfredo. Dialética da Colonização. São Paulo: Companhia da Letras, 1992.

BEZERRA, Edson José De Gouveia. Afro-Desenvolvimento Ou, a construção de um conceito de desenvolvimento sustentável a partir das comunidades Afro-Alagoanas. Maceió, AL. 2012.

CHOLLEY, Andre. Observações sobre alguns pontos de vista geográficos. Boletim geográfico, nº. 179 e 180. CNG: Rio De Janeiro. 1964.

CARVALHO; Cicero Péricles de. Formação histórica de Alagoas. 2ª Edição. Grafitex: 1982.

CARRIL, Lourdes de Fátima Bezerra. Quilombo, Território e Geografia In: Revista Agrária, nº. 3, São Paulo, 2006. Disponível em: < <http://www.geografia.fflch.usp.br/revistaagraria/revistas/3/8carril.pdf> >. Acesso em: 27/08/2012.

DIEGUES Jr, Manoel. O bangüê nas Alagoas: Traços da influencia do sistema econômico do engenho de cana de açúcar na vida e na cultura regional. 3ªed. Maceió, EDUFAL. 2006.

FURTADO, Celso. Formação econômica do Brasil. 32 ed. São Paulo: Companhia editora nacional; 2003.

FARIA, Geraldo M. Gaudêncio. Cidade, configuração da diversidade social. Comunicação apresentada no 51º Congresso Internacional de Americanistas, Santiago, 2003.

FONSECA, Pedro Paulino. 1876; Memória dos feitos que se deram durante os primeiros anos de guerra com os negros quilombolas dos palmares, seu destroço e paz aceita em junho de 1678. Mata e Palmares nas Alagoas. Org. Almeida, Savio. 2004.

FONSECA, Maria Cecília Londres. Referências culturais: base para novas políticas de patrimônio. Em: Manual de Aplicação do INRC. Brasília, Iphan/DID, 2000, p.11.

X SEMINÁRIO ANPTUR 2013

X Seminário da Associação Nacional Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
9 a 11 de outubro de 2013 – Universidade de Caxias do Sul

FERLINI, Vera Lúcia Amaral. A civilização do açúcar: séculos XVI a XVIII. São Paulo: Brasiliense. 1984.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala. 51ª Ed. São Paulo: Global, 2006.

GIL, Antonio Carlos, 1946, Como elaborar projetos de pesquisa. 4.ed. 12 reimpressão. São Paulo: Atlas, 2009.

_____, métodos e técnicas de pesquisa social. 6 ed. São Paulo: atlas 2008.

HOLANDA, Sergio Buarque de. Raízes do Brasil .São Paulo: Cia das Letras.2009.

MAMIGONIAN, Armen. Introdução ao Pensamento de Ignacio Rangel. *GEOSUL - N9 3 - 19 sern.* 1987.

PEREIRA, Raquel Mª. Fontes do Amaral. A Geografia e as bases da formação nacional brasileira: uma interpretação fundamentada nas idéias de Inácio Rangel. São Paulo. USP. 1997.

PEREIRA, Raquel Fontes do A. Formação sócio-espacial do litoral de Santa Catarina(Brasil): Gênese e transformações recentes. Geosul. 2003. Acessado em 10.12.2012. Disponível em: periodicos.ufsc.br/index.php/geosul/article/download/13604/1247.

PRADO Junior, Caio. Formação Do Brasil Contemporâneo. São Paulo: Brasiliense, 50ª Ed. 2011.

_____. História econômica do Brasil, São Paulo: Brasiliense, 51ª Ed. 2011.

SANTOS, Milton. Espaço e sociedade: Ensaio. 2. Ed. Petrópolis: Vozes, 1982.

_____. Espaço e Método. 5. ed São Paulo: EDUSP, 2008 (Coleção Milton Santos, 12).

_____. Pensando o espaço do Homem. 2ª Ed. São Paulo: Hucitec, 1986.

TOMAZZONI, Edegar Luis. Turismo e desenvolvimento regional: dimensões, elementos e indicadores. Caxias do sul, RS: Educs, 2009.